

A Loucura da Razão

Michel Foucault. *Language, Madness and Desire*. Minneapolis/London, University of Minnesota Press, 2015, 177 pp.

Edivaldo Vieira da Silva

Doutor em Ciência Política pelo PEPG Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: edivaldovsilva4@gmail.com.

Esta nova coletânea de textos de Michel Foucault reúne ‘ditos e escritos’ enunciados entre 1963 e 1971. A primeira parte, “Language and Madness”, consiste na transcrição de duas transmissões radiofônicas – “O Silêncio da Loucura” e “A Linguagem da Loucura” –, de um total de cinco¹, concedidas ao programa *L’Usage de la parole*, de Jean Doat, veiculado em época pela emissora de rádio francesa RTF France III.

Foucault instaura sua conversação com uma provocação nietzschiana, estabelece sua diferença em relação ao dramaturgo Jean Doat e ao teatro como representação apolínea, que ‘vira as costas’, em nome da ‘beleza

da representação’, aos discursos insidiosos da loucura e da literatura, para constranger e limitar sua força desestabilizadora e subversiva. Estabelecido o mapa para a travessia do percurso, Foucault desloca-se da literatura – *Rei Lear*, de William Shakespeare, *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, *O Sobrinho de Rameau*, de Denis Diderot, dentre outros – para o plano da história, mais precisamente, a era clássica, o século XVII, a Paris de 1657 e a realidade brutal do Hospital Geral, expressão insana da lógica de Estado, da polícia e das pessoas em geral, que confinaram não somente a loucura, mas, excêntricos, libertinos, homossexuais e desempregados como medida preventiva da ‘ordem das coisas’ e do poder soberano do rei.

Nesta avalanche de acontecimentos, palavras, livros, enunciações discursivas e ‘princípios de realidade’ que circulam por estas ondas sonoras

¹ Estas cinco transmissões emitidas em um período de cinco semanas receberam os seguintes títulos: “A Celebração da Loucura” (7 de janeiro de 1963); “O Silêncio da Loucura” (14 de janeiro de 1963); “Perseguição” (21 de Janeiro de 1963); “O Corpo e seu Duplo” (28 de Janeiro de 1963); e “Linguagem da Loucura” (4 de Fevereiro de 1963).

de *L'Usage de la parole*, Foucault colide com o pensador que o acompanhará por todos os momentos de sua existência, presença insinuante que o faz oscilar entre o “com” e o “contra”: o Marquês de Sade.

É na figura de Sade que o discurso da loucura, em sua expressão mais pura, de intensidade extrema do desejo, choca-se com o discurso da razão, o que lhe valeu, sob os auspícios da Revolução Francesa e do iluminismo – discurso que se arroga à codificação das liberdades –, quarenta anos de prisão, e que é emblemática e brilhantemente apresentado por Foucault na carta do médico de Charenton, Royer-Collard, ao Ministro de “triste figura” da polícia francesa, Joseph Fouché.

A segunda parte agrega duas conferências de Foucault, proferidas na Universidade de Saint-Louis, Bruxelas, em dezembro de 1964, e publicadas em 1996, dois anos após a edição francesa original, pela Ediciones Paidós como *De lenguaje y literatura*, precedidas por um longo ensaio introdutório de Ángel Gabilondo.

Em grande medida, as conferências antecipam temas desenvolvidos dois anos depois em *As Palavras e as Coisas*, como “representação”,

economia dos signos, linguagem, o duplo, enunciados discursivos, a gramática geral, a estrutura morfológica da linguagem, a partir de autores como Ferdinand Saussure, Jean Starobinski e Roman Jakobson.

Neste momento, Foucault ainda se encontra na “ordem do discurso”, na análise das enunciações discursivas; não se encontra em suas inquietações o desejo de desembaraçar-se dos limites da proliferação de palavras, ou de fazer emergir os enunciados cortantes advindos das “práticas não-discursivas”, da historicidade do “mundo das coisas”; não havia ainda em seu caminho o GIP (*Groupe d'information sur les prisons*).

Para os organizadores do livro – Philippe Artières, Jean François Bert, Mathieu Potte-Bonneville e Judith Revel –, a inquietação de Foucault se move para a literatura, a zona em que as palavras pululam na busca de uma folha de papel em branco para realizar seu ato de violação, antevisto por Georges Bataille, Maurice Blanchot e o Marquês de Sade: a transgressão e a perspectiva de ruptura com a ordem do discurso, organizada pela linguagem.

Na multiplicidade de autores citados nestas conferências – Homero, Shakespeare, Cervantes, Racine,

Diderot, Proust, Artaud, Dostoiévski, Joyce... –, Foucault desconcerta quando considera que o nascimento da literatura se deu no início do século XIX ou finais do XVIII, quando o triângulo formado pela linguagem, pelo trabalho literário e pela literatura se desequilibra, quando a transgressão não se conforma apenas em fazer o desmonte da linguagem, mas em um movimento espetacularmente antropofágico, e a literatura se volta para suas próprias entranhas, no desejo de seu próprio assassinato. A profanação é acompanhada a *pari passu* pela repetição, o pastiche, como estratégia de esvaziamento, de saturação das palavras como estratégia para retornar ao espaço vazio da página em branco. Não por acaso, Foucault eleva como paradigma da literatura o Marquês de Sade, escritor enjaulado na Bastilha e na escrita febril, as palavras em profusão para, paradoxalmente, instaurar, na solidão do cárcere e na loucura, o silêncio.

Talvez a disposição de Chateaubriand como o “duplo” de Sade, desejo de imortalidade como “biblioteca absoluta”, a contraposição morte/transgressão; os pares Édipo/Orpheu e Jocasta/Eurídice; o choro de Ulisses ao ouvir o canto de seus feitos encerrem a presença

oculta, silenciosa, mas insistente de Nietzsche, que faz sua aparição “efêmera” na provocação inicial de Michel Foucault ao apolíneo – sem se dar conta – Jean Doat.

A terceira parte consiste na conferência “Lectures on Sade”, proferida por Foucault em março de 1970, na State University of New York, em Buffalo, tendo como mote o comentário da obra *La Nouvelle Justine*, do Marquês. Foucault divide sua conversação em dois segmentos. Na primeira sessão, analisa a relação entre as noções de “verdade” e “desejo”, ou como o desejo se introduz no mundo da verdade, usando como expediente a submersão no mundo literário de Sade, mais precisamente, no sonho de Juliette, a jovem libertina sadiana em seu processo de formação; e, neste deslocamento, “salta” a enunciação de Foucault, que intenta responder “Por que Sade escreve?”. Na segunda sessão, Foucault analisa a alternância no discurso de Sade entre discurso teórico e cenas eróticas, afirmando de antemão que seu discurso não tem como alvo o desejo ou a sexualidade, mas temas tão diversos como Deus, leis, contrato social, relações familiares e o crime. Trata-se de dar conta, a partir do “poliedro

de Sade”, da geometria do desejo com sua multiplicidade de lados e dos princípios libertinos da “não existência” – de Deus, da natureza, do crime e da alma –, da interjeição de desejo e verdade.

O “discurso da transgressão” intensificado por Foucault a partir de Sade e da literatura instaura o desejo como ‘desordem’ irresistível ao ‘princípio de realidade’ que é a base do pensamento ocidental de Platão ao modelo freudiano, mas também produz a fratura desejável

no campo das resistências com a crítica ao modelo marcusiano, de suposta emancipação do desejo dos ‘grilhões’ da culpa. Em uma era como a nossa, na qual os próprios fundamentos da ordem discursiva são solapados pelos herdeiros de seus instauradores e as práticas não discursivas proliferam como tortura, prisões ilegais e “naturalização” do Estado de Exceção, figuras como o Marquês de Sade e Michel Foucault continuam a representar o “mal necessário”.